

Princesas autênticas, independentes e felizes: releituras dos contos de fadas e a leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Ana Izabelly Abrantes Martins¹
Abraão Vitorino de Souza²
Fabiano Tadeu Grazioli³

Resumo

A promoção da leitura na escola perpassa diferentes perspectivas, dentre estas a experiência com o texto literário. Diante das discussões teóricas e metodológicas atuais no âmbito das temáticas da leitura, literatura e mediação, torna-se oportuno refletir de que forma a releitura de contos de fadas pode contribuir para a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Frente a isso, o presente estudo tem como objetivo discutir a releitura de contos de fadas, evidenciando sua contribuição para a formação de leitores nos Anos Iniciais. No intento de alcançá-lo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativo, fundamentando-se especialmente em Bettelheim (2021), Coelho (2002), Lajolo e Zilberman (2022), cujas análises voltaram-se para as obras *Até as princesas soltam pum* (2008), de Ilan Brenman, com ilustrações de Ionit Zilberman, e *A revolta das princesas* (2013), de Celine Lamour-Crochet, com ilustrações de Lisbeth Renardy. Com base nas discussões, foi possível compreender que a releitura dos contos de fadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental configura uma perspectiva necessária e enriquecedora para a formação de leitores, principalmente por possibilitar aos estudantes a liberdade de imaginar, de se expressar e de viver novas experiências, já que os novos enredos propõem o reenquadramento de personagens conhecidos dos leitores em situações que acenam para novas configurações da sociedade.

Palavras-chave:

Formação de leitores; Contos de fadas; Releitura; Anos Iniciais.

Sobre os autores:

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Francisco de Cajazeiras.

E-mail: discoutianaizabellymartins123@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6934-4177>

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente da Faculdade São Francisco de Cajazeiras.

E-mail: abraaovitoriano@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3418-9943>

³ Doutor e Mestre pela Universidade de Passo Fundo. Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Campus de Erechim.

E-mail: ftg@uricer.edu.br | ORCID: <http://orcid.org/00000002-3860-6767>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vista como uma manifestação artística e uma transmissão cultural, a literatura está presente no cotidiano das pessoas e, de modo especial, no mundo das crianças, de modo que ela proporciona um diálogo com as experiências diárias, possibilitando que os leitores descubram novas maneiras de enxergar aquilo que está à sua volta. Na Literatura Infantil, mais especificamente na (re)leitura dos contos de fadas, a criança pode viver um processo de interação entre sentimentos, emoções, pensamentos e imaginação, o que contribui significativamente para a formação de leitores capazes de compreender e interpretar aquilo que leem, relacionando a literatura com o real desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

Nesse viés, a justificativa para a escolha do tema deste estudo surgiu pelo nosso interesse nas discussões teóricas e metodológicas que temos acompanhado no âmbito das temáticas que envolvem leitura, literatura e mediação, ou seja, o trabalho de aproximar as obras literárias e os leitores por meio de práticas leitoras. Nossa experiência, junto às crianças leitoras dos Anos Iniciais, nos permite observar que elas demonstraram uma maior participação nas aulas quando os professores utilizam metodologias lúdicas e criativas, incluindo principalmente os contos de fadas, que contribuem significativamente no processo de aprendizagem dos estudantes nas dimensões linguísticas e afetivas.

Diante disso, esta pesquisa tem como questão a ser respondida: de que forma a releitura de contos de fadas pode contribuir para a formação de leitores nos Anos Iniciais? Assim, o presente artigo, resultado de um estudo bibliográfico, tem como objetivo geral: discutir a releitura de contos de fadas, evidenciando sua contribuição para a formação de leitores nos Anos Iniciais.

Nesse sentido, este estudo apresenta-se em três partes. Na primeira, delineamos o panorama da Literatura Infantil, enfatizando sobre o seu surgimento, suas concepções e a importância da literatura para crianças. Na segunda parte, discorreremos sobre os contos de fadas, abordando de forma sucinta sobre a sua estrutura, os principais autores e obras e a utilização desse gênero literário no ambiente escolar. E, por fim, na última parte, evidenciamos o tratamento dos contos de fadas em sala de aula, apresentando a perspectiva da releitura das obras contemporâneas e seus desdobramentos para a formação de leitores, fato que envolve a desconstrução de estereótipos e reflexões cruciais sobre questões sociais e culturais.

1 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL

Segundo Lajolo e Zilberman (2022), a Literatura Infantil surge em meados do século XVIII, na aristocrática sociedade francesa, porém propagou-se efetivamente na Inglaterra, associada ao contexto local da Revolução Industrial e do êxodo rural. Os fatos mencionados foram impactantes na vida da sociedade, que passou por mudanças bruscas, inclusive na concepção de criança, vista até então como adulto em miniatura e, portanto, não existiam obras específicas para esse público. Na transição do século XVII para o século XVIII, inicia-se a produção de livros infantis, muitas histórias foram adaptadas por Charles Perrault, dando a elas o encanto tão característico das histórias para crianças, principalmente dos contos de fadas. Diante de tudo isso, foi preciso trabalhar o desenvolvimento da leitura das crianças, visto que a Literatura Infantil implicava um trabalho sobre a língua escrita, sendo uma atividade para ser feita nas escolas.

Embora na Europa tenha surgido no século XVIII, foi apenas entre os séculos XIX e XX que a Literatura Infantil surgiu no Brasil. De acordo Lajolo e Zilberman (2022), a história da Literatura Infantil brasileira começou tarde, em um período próximo à Proclamação da República, marcada por inúmeras transformações que influenciaram o crescimento das massas urbanas, surgindo a necessidade de publicações que agradassem diferentes públicos. Assim, surgiu um espaço nas letras brasileiras para produções literárias para o público infantil, produzindo os livros infantis e escolares. Em 1915, surgiu a revista infantil *O Tico-Tico*, permanecendo por muito tempo em circulação e recebendo a colaboração de muitos autores, utilizando uma linguagem visual e verbal que incentivava a prática do imaginário infantil. Tais fatores fizeram com que o Brasil fosse visto como contribuinte da indústria cultural.

Assim como a literatura europeia, a Literatura Infantil brasileira também ganhou força no espaço educacional, visto como instituição confiável da sociedade moderna, para que os valores ideológicos, as habilidades, técnicas e conhecimentos fundamentais voltados ao desenvolvimento do ser humano fossem ensinados desde a infância, e, para tanto, precisava-se de produções literárias e didáticas específicas para o público infantil. Com isso, os livros escolares e os infantis estavam sempre juntos, porém, como todo início de processo, ainda existiam muitas falhas, e uma delas era a presença de palavras não traduzidas na língua materna brasileira. Diante disso, surgem vários programas de nacionalização brasileira de livros europeus, em que grandes contribuintes da literatura brasileira buscavam fazer as devidas adaptações e traduções, a exemplo de Figueiredo Pimentel.

Já que o presente estudo se refere à literatura para crianças, é importante entendermos a concepção de infância, a qual foi variando conforme o passar dos anos e com as mudanças e influências da sociedade. A ideia de que a criança era um adulto em miniatura, conforme Lajolo (2009), perpetuou-se por muitos anos e, para que essa ideia fosse desconstruída, foram necessários muitos estudos. Diferentes autores suscitaram contribuições significativas para conceituarmos a

infância, a exemplo de Rousseau (LAJOLO, 2009).

Para os estudos sobre a infância na atualidade, Sarmiento (2011) destaca quatro eixos fundamentais para a concepção de infância, os quais resumem a importância da proteção e afetividade da família: a escola, enquanto espaço institucional de criança; a concepção de criança como ser biopsicológico em constante processo; e a condução de regras sociais envolvendo o público infantil. Reafirmando a importância desses eixos para a construção da ideia de infância, Sarmiento (2011, p. 586) afirma: “Esses quatro pilares associados contribuem desde há cerca de dois séculos e meio para consignar à criança em lugar social próprio, cujo desenho e cuja topografia correspondem à representação social dominante da infância.”

Diante desse cenário, portanto, percebemos que a infância não pode ter um conceito universal e generalizado, pois é preciso considerar os contextos sociais, culturais, religiosos, morais, étnicos etc. Portanto, não podemos descontextualizar tais condições, tão pouco colocar a criança diante de imposições de uma sociedade. Dessa forma,

coexistem diferentes concepções de crianças e infâncias, que se apresentam, com frequência, de forma contraditória nos tempos e espaços que as crianças circulam, nos produtos e nos artefatos que portam e consomem, nos serviços e instituições a elas direcionados (CORSINO, 2015, p. 212-213).

Da mesma forma que a concepção de infância vem se modificando ao longo do tempo, o conceito de literatura tem se apresentado de diversas formas. Presente desde o século XIX, é entendida como a arte que engloba a criatividade e os elementos culturais que retratam os valores, as vivências, a multiplicidade e a compreensão do mundo, utilizando elementos verbais e visuais, característicos de um tempo (CANDIDO, 2011).

A Literatura Infantil, além dos elementos citados, pressupõe a materialidade do livro, que reúne o texto e a ilustração pela articulação do projeto gráfico, dando forma física ao livro, porque toma frente nas escolhas como o formato, o papel, a tipografia, a capa, os paratextos, a diagramação. Nesse processo, técnicas diversas e opções acerca de cores, traços, perspectiva, entre outros, que incentivam à imaginação e a possibilidade de enxergar novos horizontes, proporcionam uma formação que aponta para a recepção criativa bem como para a possibilidade de compreensão/fruição dos produtos culturais contemporâneos. Assim, tão necessária no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, a literatura é considerada por Candido (2011) como um direito indispensável ao ser humano.

Ao pensar nas concepções de infância e de literatura, é imprescindível refletir sobre a escola, não somente enquanto estrutura física e legal de alfabetização, mas como política pública que oportuniza ao aluno formação

humana e cultural. A esse respeito, os estudos sobre o ensino de leitura e literatura, a partir da década 70, delinearão outros direcionamentos teórico-metodológicos para a formação de leitores na educação básica, considerando o perfil dos estudantes, as temáticas e qualidade das obras literárias e o processo de mediação (COELHO, 2002).

A sociedade, de maneira geral, reivindica uma evolução para que possamos nos adequar às exigências de um novo tempo e permanentemente produtivo. Acreditamos, pois, que no processo de transformação social, político e cultural da sociedade, a literatura e, em especial a infantil, assume um papel necessário, que é exatamente o de servir como agente direto de formação, não se restringindo apenas ao processo da leitura com a decodificação de palavras, mas proporcionando um diálogo entre o texto e aquele que ler, ou seja, a Literatura Infantil pode ser um motivador ideal para a formação de uma nova mentalidade mais justa e democrática, baseada nos direitos humanos (COELHO, 2002).

Para as crianças que são seres em constante evolução e capazes de aprender, a literatura exerce um papel significativo, proporcionando à criança socializar com as suas experiências cotidianas, estimulando o diálogo, permitindo a expansão do conhecimento, oportunizando a formação integral do leitor, a sua aproximação com a realidade expressa de forma lúdica, e ao mesmo tempo crítica, presentes inclusive nos contos de fada.

2 ERA UMA VEZ... OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas estão presentes na vida de muitas pessoas, sejam elas crianças ou adultas, pois são histórias que perpassam de geração em geração e sempre permanecem algumas que nos ensinam sobre valores e princípios para a prática da vida em sociedade. Para conseguir marcar o ouvinte/leitor, os contos de fadas seguem uma estrutura que nos envolve na história, geralmente apresentando um problema existencial breve, retratado com imprevistos e de forma simplificada, apresentando ilustrações e finais felizes.

Nas palavras de Coelho (2002), os contos de fadas apresentam alguns elementos fundamentais, sendo os principais deles: (i) o narrador, que relata os acontecimentos; (ii) o foco narrativo, que se refere a forma como o narrador irá relatar os fatos; (iii) a história, que traz o enredo, problemas e soluções; (iv) a fabulação, sendo a sequência de fatos; (v) as personagens, que são as figuras humanas e/ou animais (por exemplo, o patinho feio) que vivem a história; (vi) o espaço, que está diretamente ligado ao cenário; (vii) o tempo, que é a duração da história; (viii) a linguagem utilizada; (ix) o leitor ou o ouvinte, que é o público; e (xx) o gênero narrativo.

Pensando no espaço escolar, que acompanha os contos de fadas desde o seu apogeu, estes devem ser trabalhados tendo uma intencionalidade pedagógica que vise a imaginação e implique o incentivo ao gosto pela leitura, o que fará com que os estudantes possam ter referências que os possibilitem ampliar a visão e

relacionar o imaginário à prática. Nesse sentido, cabe ao professor assumir de fato seu papel de mediador do conhecimento:

Aliás, há muito a fazer em sala de aula, até porque algumas histórias são muito difundidas. Pode-se, por exemplo, rever a história da Bela Adormecida, apresentada no começo, excluindo a interferência de um dos auxiliares mágicos (ou introduzindo outros, extraídos de narrativas similares). Ou então pensar o que teria acontecido ao patinho feio se ele tivesse se conformado, permanecendo com uma família que o rejeitava. Pode-se, enfim, descobrir outros países das maravilhas encravadas em nosso cotidiano (ZILBERMAN, 2012, p. 144-145).

Dentro da sala de aula, é possível trabalhar muitos aspectos relacionados aos contos de fadas por meio da imaginação, como, por exemplo, criar um conto de fadas real, cujas personagens sejam as próprias crianças como protagonistas, abordando conflitos internos e externos para resolver, buscando soluções e possibilitando que cada um(a) possa ser o seu/sua próprio(a) herói ou heroína – esse incentivo levará em conta o potencializar da capacidade estética e criadora do leitor/ouvinte em questão, ele(a) será o responsável por tecer a narrativa entre problemas, superações e vitórias.

O ambiente escolar, dessa forma, é essencial para o desenvolvimento humano. Nesse espaço podemos ensinar sobre os valores e desconstruir estereótipos que estão presentes nos contos de fadas, que muitas vezes ajudam as crianças a se entenderem melhor, contribuindo para um harmonioso relacionamento consigo mesmas e com a sociedade. Para isso, é preciso que, na Literatura Infantil, estejam presentes elementos que não se limitem apenas a uma perspectiva mecanizada da leitura, mas também e, sobretudo, ao desenvolvimento da mente e da personalidade da criança.

Nesse âmbito, é válido observar que:

A maioria da chamada literatura Infantil tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode se obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida (BETTELHEIM, 2021, p. 8).

O soar do “Era uma vez” faz com que a criança se encante e ouça atentamente cada parte da história. Os contos de fadas transmitem uma ou múltiplas mensagens que nos orientam em muitas fases da nossa vida, pois, segundo a ideia psicanalítica, essas mensagens adentram o nosso consciente, a mente pré-consciente e a inconsciente, marcando a nossa vida e refletindo em diversos momentos do desenvolvimento humano, havendo uma transmissão de

valores e princípios que, quando colocados em prática, nos fortalece na busca de incessantes conquistas; sabendo que inúmeras dificuldades irão surgir, no entanto, precisamos superar os obstáculos, para assim vivermos os nossos sonhos (BETTELHEIM, 2021).

Tendo em vista esse prisma de transmissão cultural, muitos são os autores responsáveis pela difusão das narrativas infantis ao longo da história. Destacamos, particularmente, Charles Perrault (1628-1793), escritor francês e responsável pelos passos iniciais da literatura para crianças. Autor de inesquecíveis obras da Literatura Infantil, como: *Cinderela*, *Chapeuzinho vermelho*, *O pequeno polegar*, *O Gato de botas* e tantos outros clássicos, Perrault, em sua vida, resolve escrever as tantas histórias que ouvia de sua mãe, dando forma aos contos de fada, trazendo sempre no final de suas obras algum ensinamento em forma de poesia. Mencionamos também os famosos Irmãos Grimm, que, mesmo formados em Direito, dedicaram-se à gramática e ao folclore alemão e trouxeram grandes contribuições para a Literatura Infantil, publicando obras infantis e domésticas recolhidas do folclore alemão. Podemos citar como alguns de seus principais contos: *João e Maria*, *O príncipe sapo*, adaptações de *Cinderela*, *A Branca de Neve* e tantos outros. Com a edição da coleção dos contos de fadas em 1912, os irmãos Grimm influenciam na percepção de quais tipos de livros agradam mais o público infantil facilitando a objetividade e a vertente que sucessivos autores seguiram (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

No Brasil, por forte influência europeia, os textos infantis literários apresentavam, frequentemente, a necessidade de aproximar os leitores brasileiros a sua realidade linguística, por meio de programas de nacionalização do acervo literário. Nessa vertente, no fim do século XIX, Figueiredo Pimentel escreve os *Contos da Carochinha*, sendo a primeira publicação infantil brasileira, adaptando narrativas europeias à cultura tradicional brasileira, com marcas, por exemplo, da oralidade.

Na visão de Zilberman (2012, p. 143), a renovação dos contos de fadas advém da valiosa contribuição de Hans Christian Andersen, ao estabelecer novos contornos “[...] à fantasia, indicando que, às vezes, bastam a imaginação e a criatividade para encontrarmos uma saída para nossas dificuldades.” No contexto brasileiro, esse legado influenciou as histórias de Monteiro Lobato, no início do século XX, que escreveu obras em que as próprias crianças eram as personagens protagonistas, incentivadas desde cedo a desbravar novos horizontes, fatos demonstrados na sua famosa obra *O Sítio do Picapau Amarelo*. Monteiro Lobato, tendo em vista seu legado artístico e literário, é reconhecido como o pai da literatura para crianças.

Além de Lobato, a Literatura Infantil brasileira conta com grandes nomes desde o seu surgimento até os dias atuais, a saber: Cecília Meireles, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo e Lygia Bojunga, a primeira escritora mulher a ganhar o importante prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, considerado o Nobel da Literatura Infantil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022). No que diz respeito à

(re)invenção dos contos de fadas, destaca-se a escritora Marina Colasanti, com a produção de obras como *Uma ideia toda azul* (2006) e *Mais de 100 histórias maravilhosas* (2015).

Percebemos, portanto, que a leitura e propagação dos contos de fadas estão presentes na consolidação da Literatura Infantil enquanto gênero literário em suas diferentes manifestações a um público potencialmente rico em imaginação e capacidade inventiva. Nas palavras de Zilberman (2012, p. 141), a magia dos contos de fadas “[...] é a forma assumida pela fantasia, de que somos dotados e que nos ajuda a resolver problemas”.

3 A RELEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

Foram necessárias muitas mudanças na Literatura Infantil desde o seu início, assim como transformações nos paradigmas sociais, para que os contos de fadas contemporâneos abrissem espaço para outras releituras, além daquelas que reafirmavam certos estereótipos e visões reducionistas da realidade, considerando a influência que a literatura tem no crescimento das crianças. As leituras das obras infantis não devem ser feitas apenas de maneira superficial e técnica, realizando somente a decodificação de palavras, mas, sim, explorando a possibilidade de, por meio delas, perceber os aspectos da realidade que merecem ser revistos, discutidos, repensados e modificados. Esse processo tem início na prática de ler as histórias e decodificá-las a partir do vivido e das possibilidades de, a partir dos enredos, a criança leitora se projetar vivenciando as histórias contadas, principalmente aquelas cuja aderência é maior por conta da correspondência dos elementos fantasiosos com a infância.

Paulo Freire (2006) enxerga o ato de ler como uma forma de conhecer o mundo, sendo esse ato, nos Anos Iniciais, mediado pelo educador que, por sua vez, deve permitir à criança a elaboração da sua própria percepção a partir da leitura, percebendo as histórias tradicionais com outros olhares e, por meio das reflexões delas, refletir sobre o seu lugar no mundo.

Os contos de fadas contemporâneos devem aproximar os ouvintes/leitores da realidade, trazendo os problemas existenciais, a independência, a liberdade de escolha, as diferenças econômicas e sociais, o medo a solidão etc. Bettelheim (2021, p. 19) afirma que:

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança - em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente - abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

Cientes disso, os contos de fadas contemporâneos não perdem o seu encanto, apenas passam pelo processo de releitura, ou seja, percorrem um processo de adaptação a partir do público e dos efeitos de sentido que se deseja alcançar, transformando o sentido original, de forma parcial ou com uma ruptura maior. A releitura, desse modo, adota um movimento de transgressão que, sob a ótica de Colomer (2017, p. 214), significa utilizar “estruturas, temas, personagens e motivos da literatura da tradição oral para subverter e desmistificar os valores tradicionais. É o caso já assinalado das versões de Chapeuzinho Vermelho.”

Na releitura dos contos de fadas há, por exemplo, uma mudança em relação às personagens mulheres, antes representadas pela obediência aos valores seguidos, marcados pela dependência e obrigadas a seguir padrões. Nas histórias infantis contemporâneas, as princesas continuam existentes, porém agora são protagonistas de sua própria história. Essas personagens antes vistas como os seres perfeitos e impossíveis de nos assemelhar, hoje configuram-se como gente real, gente como a gente.

A obra *Até as Princesas Soltam Pum* (2008), escrita por Ilan Brenman e ilustrada por Ionit Zilberman, retrata a realidade de acreditarmos desde cedo que princesas são perfeitas e elegantes, desse modo, soltar pum não seria enxergado como uma característica daquelas que compõem a realeza, até que em um momento da história descobrimos o segredo: as princesas também soltam puns! Com isso, desconstruímos a ideia de que não podemos ser princesas por soltar pum ou por ter qualquer “imperfeição”; ao contrário, assim como nós, as princesas também apresentam marcas naturais e biológicas do ser humano.

Nessa perspectiva, Lajolo e Zilberman (2022) afirmam:

Um exame mais detalhado das personagens que perpassam a literatura infantojuvenil atual mostra-nos que as princesas reaparecem, porém, alternando finais, deslocando pontos de vistas, recolocando cenas. As produções a partir da década de 1970 apoderam-se do estatuto das princesas para desmitificá-lo, inaugurando novas linhagens. Os papéis fossilizados das personagens são, portanto, mexidos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 128).

Na obra *A Revolta das Princesas* (2013), escrita por Céline Lamour-Crochet e ilustrada por Lisbeth Renardy, tem-se uma reflexão sobre a mudança de estereótipos e das características semelhantes a todos os contos de fadas tradicionais, nos quais a princesa é sempre salva pelo príncipe, estabelecendo uma relação de dominação de gênero, o que pode influenciar as crianças a crescerem com a ideia fixa de que existirá alguém perfeito que irá lhe defender, proteger e salvar de todos os perigos. Segue um dos trechos marcantes da obra:

Você pode perceber bem que, nas histórias, há uma grande desigualdade entre o papel das princesas e dos príncipes.

- Chega! Queremos igualdade! Os príncipes também devem passar

por maus bocados nos contos de fadas! (RENARDY; LAMOUR-CROUCHET, 2013, p. 23).

As princesas se cansam de sempre passarem por situações difíceis e os príncipes serem vistos como os seus heróis. As princesas lutam, trabalham, estudam, são suas próprias heroínas e não devem ter um padrão de beleza a ser seguido. As princesas, nesse caso, buscam um protagonismo que seja legítimo, e não subscrito à ordem do masculino sobre o feminino. Isto é, durante toda a história, todo privilégio e tudo o que ocorre de extraordinário é delegado aos príncipes. A imagem da princesa, como uma das personas centrais dos contos de fadas, vem sendo modificada e ganhando novos contornos: mais inventividade/autenticidade, menos submissão.

Segundo Lajolo (2009, p. 228), “[...] a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo [...]”, eis aí uma das grandes importâncias da releitura dos contos de fada, que permite que a criança, enquanto leitora, construa um diálogo com o mundo externo, formulando os questionamentos e imaginando, dando, assim, voz à criança desde o seu processo de formação, desmitificando as relações sociais e familiares. A literatura, portanto, assume seu compromisso formador, libertador e emancipador, sem o objetivo de indiretamente apresentar padrões a serem seguidos.

Nos contos contemporâneos, é possível que o leitor faça uma reflexão não somente no papel de representação da personagem enquanto gênero, mas, além disso, é possível que o leitor faça um diálogo com os aspectos culturais e políticos de uma sociedade marcada pelo patriarcado e pela submissão. Nas obras literárias contemporâneas, a palavra escrita enquanto expressão estético-criativa do real possibilita ao público infantil entender que não é preciso seguir comportamentos ou estereótipos formados a partir do simbólico, mas, sim, que podemos estar presentes na releitura dos papéis sociais enquanto mulheres, crianças e homens e que podemos ler uma história enxergando diversos lados e imaginando outros finais, felizes ou tristes, com príncipes ou princesas reais – ou até mesmo com personagens cotidianos que são convocados ao exercício da magia, algo que perpassa as histórias infantis.

Por isso, o processo de releitura dos contos de fadas pode ocorrer de diferentes maneiras, seja pela leitura e interpretação de obras contemporâneas – que já contemplam entre enredos e personagens, novas formas de enxergar as relações pessoais e as manifestações sociais –, seja pelo momento de leitura e/ou contação de histórias em sala de aula, na qual o professor deve incentivar os estudantes a repensar sobre as narrativas lidas em comparação com a realidade atual que os cerca. (Re)ler significa atribuir sentidos, nem reduzir, tampouco extrapolar, mas criar significados necessários, quando os significados originais, de algum modo, reafirmam ideais de uma cultura machista, racista e que não dá valor à celebração das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste estudo, vislumbramos que a Literatura Infantil, mais especificamente os contos de fadas, ainda que centenários, continuam sendo fundamentais para a formação das crianças; contudo, é necessário que essas histórias sejam exploradas a partir de uma leitura crítica, analisando os contextos vividos pelo público infantil, para que, a partir disso, os contadores das histórias envolvam diferentes recursos e habilidades, a fim de que os clássicos contos de fadas, sejam relidos de forma aproximada da realidade, possibilitando aos ouvintes se envolverem na história, mobilizando diferentes saberes e experiências.

Todavia, é importante que professores e demais mediadores de leitura, antes de oferecerem as versões contemporâneas nos diversos contextos de mediação de leitura que eles podem figurar, ofereçam às crianças a história original, já que o processo intertextual que as obras contemporâneas estabelecem com os contos de fadas tradicionais levam em consideração o conhecimento do enredo e das características das personagens nas referidas histórias.

Através das ilustrações, dilemas, imprevistos, cores e finais felizes ou tristes presentes nos contos de fadas, é possível que aconteça a transmissão de valores e ensinamentos e, por isso, como vimos no transcorrer do trabalho, podem ser considerados os primeiros conselheiros das crianças. Por essa razão, é tão necessário que, dentro das escolas, essas histórias sejam contadas não somente como uma leitura de extração do texto, mas como um exercício de compreensão e interpretação que implique o desenvolvimento da mente, da imaginação e da personalidade de cada criança.

Reconhecemos a importância dos contos de fadas em sua totalidade e a necessidade de articular novas estratégias de leitura em sala, capazes de fomentar a capacidade criativa, crítica e afetiva dos estudantes, contribuindo, assim, para formação de leitores nos Anos Iniciais. Por fim, cabe pontuar a relevância das histórias infantis contemporâneas para a discussão de novas perspectivas culturais e sociais que desmistificam as bases de uma sociedade patriarcal.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

BRENNAN, Ilan; ZILBERMAN, Ionilt. *Até as princesas soltam pum*. Ilustrações de Ionit Zilberman. São Paulo: Brinquê-Book, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2002.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

CORSINO, Patrícia. Infância e Literatura: entre conceitos, palavras e imagens. *Revista Teias*, [s.l.], v. 16, n. 41, p. 108-123, abr./jun. – 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24516>. Acesso em: 15 set. 2022.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 42. ed. São Paulo: Cortês, 2006.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 7. ed. São Paulo, Cortez: 2009. p. 229-250.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: histórias & Histórias*. São Paulo: UNESP, 2022.

RENARDY, Lisbeth; LAMOUR-CROCHET, Cèline. *A revolta das princesas*. Tradução de Clara A. Colotto. Ilustrações Lisbeth Renardy. São Paulo: Saber e Ler, 2013.

SARMENTO, Manoel. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. *Atos de pesquisa em Educação – PPGE/ME Furb*, Blumenau, v.6, n.3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36733>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

Authentic, independent, and happy princesses: fairy tales retellings and reading in the early years of elementary school

Abstract

The promotion of reading at school permeates different perspectives, among them the experience with the literary text. In view of the current theoretical and methodological discussions on the themes of reading, literature, and mediation, it became opportune to reflect: how the rereading of short stories can fairy tales contribute to the formation of readers in the Early Years of Elementary School? That said, the present work has the general objective of discussing the re-reading of fairy tales, highlighting their contribution to the formation of readers in the Early Years. In the attempt to reach it, a bibliographic and qualitative research was carried out, based especially on Bettelheim (2021), Coelho (2002), Lajolo and Zilberman (2022), whose analyses focused on the works *Até as princesas soltam pum* (2008), by Ilan Brenman, with illustrations by Ionit Zilberman, and *A revolta das princesas* (2013), by Cèline Lamour-Crochet, with illustrations by Lisbeth Renardy. Based on the discussions around the object of study, it was possible to understand that the rereading of fairy tales in the Early Years of Elementary School configures a necessary and enriching perspective for the formation of readers, mainly because it allows students the freedom to imagine, to express yourself and live new experiences, since the new plots propose the reframing of characters known to readers in situations that nod to new configurations of society.

Keywords:

Formations of readers; Fairy tales; Rereading; Early Years.
